

QUINTIN

**machado
de assis**

CAS

BOOR

BA

**textos
informativos:
fátima
mesquita**



© Panda Books

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico e capa <i>Casa Rex</i>	Notas <i>Fátima Mesquita</i>
Diretora comercial <i>Patth Pachas</i>	Diagramação <i>Carla Almeida Freire</i>	Estabelecimento de texto <i>Ronald Polito</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Fotos <i>p. 16: Werner von Siemens © Giacomo Brogi/domínio público</i> <i>p. 50: © djedzura/iStock</i> <i>p. 101: © Anônimo/Ny Carlsberg Glyptotek</i> <i>p. 128: © Pedro Augusto Guglielmi/ Biblioteca Nacional de Portugal</i> <i>p. 157: © Bruno Godinho/CC BY-SA 4.0</i> <i>p. 244: © domínio público</i> <i>p. 248: © Franz Xaver Winterhalter/ Museo Napoleonico</i> <i>p. 289: © Juan Gutierrez/Brasiliana Foto- gráfica/Acervo Museu Histórico Nacional</i> <i>p. 325: © Jean-Louis-Ernest Meissonier/Musée d'Orsay</i>	Edição das notas e revisão <i>Mayara Freitas</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>		Impressão <i>Loyola</i>
Assistente editorial <i>Olivia Tavares</i>		

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1891, e na terceira edição, de 1899, publicadas por B. L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Assis, Machado de, 1839-1908
Quincas Borba / Machado de Assis. – 1. ed. – São Paulo:
Panda Books, 2020. 440 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-752-0

1. Romance brasileiro. I. Título.
Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

20-66395

CDD: 869.3
CDU: 82-31(81)

2020

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

TUDO CONTRA, MAS O CARA ERA UM CRAQUE!

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de um brasileiro, Francisco, pintor de paredes, e uma portuguesa dos Açores, dona Maria, lavadeira que, no entanto, morreu quando ele tinha só dez anos de idade. O menino cresceu no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio da madrinha rica e da segunda mulher do seu Francisco.

Sabia muito bem francês e latim, chegando a trabalhar como tradutor. Quando novo, descolou uns trocados vendendo

doces feitos pela madраста e engraxando sapatos. Mais tarde, fez bicos de revisor, ralou em tipografia, foi funcionário público em variadas instâncias (começando como auxiliar do auxiliar e chegando até a diretor chefeão). E escreveu: crítica de teatro, poema, resenha de debate do Senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez.

Simmmm, quando não estava lendo, escrevendo ou vendo peças de teatro, o cara gostava de encarar uma partida de xadrez. Chegou a participar do primeiro campeonato do país, e as peças que ele usou neste torneio hoje estão expostas na Academia Brasileira de Letras.

Mas nada foi fácil pro Machado. O sujeito sofria de epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceito, em especial naqueles tempos, porque, de repente, o cérebro da pessoa entra meio que em curto-circuito, com uma descarga elétrica embaralhando as coisas lá dentro. O doente pode, então, falar coisas sem pé nem cabeça, o corpo pode se movimentar sem controle ou a pessoa parece que está no mundo da lua, com o olhar perdido e fixo no nada, sem responder a nenhum estímulo, meio que ausente – ei, mas fica sussa que hoje em dia tem tratamento bem eficiente, que não cura, mas controla legal a situação, deixando a pessoa viver uma vida mais tranquila.

Além disso, nosso amigo era negro e também meio gago. E, como você já deve ter sacado, bem pobre mesmo. Os pais do pai dele eram escravos alforriados que haviam trabalhado praticamente a vida toda pra família de sua madrinha. Ou seja, nosso Joaquim sofria preconceito a granel. Tipo 7 X 1. Toda hora, né? Mas era inteligente que só. Tinha esse supertalento atômico pra línguas. Aprendeu muita coisa (mas muita mesmo!) por conta própria, nos livros da biblioteca da família rica da madrinha e de tudo quanto era jeito que ele podia achar. Tinha esse apetite pra aprender. Voraz mesmo.

Foi casado com uma portuguesa, quatro anos mais velha que ele, a dona Carolina Augusta Xavier de Novais. Mas eles nunca tiveram filhos. Ela morreu antes. Machado ficou deprimi-

daço – estava também já cego. Faleceu aos 69 anos de idade, no mesmo Rio de Janeiro onde havia nascido. Deixou seus vários livros, sua obra, que já foi traduzida e estudada por tudo quanto é canto desse planeta Terra. O que é raro, bem raro mesmo para autores brasileiros.

Ah, e um caso divertido aqui: num dos seus livros, houve um erro de impressão numa frase. Onde devia se ler “lhe cegara o juízo”, lia-se “lhe cagara o juízo”! Ih, foi um corre-corre tipo Bolt pra tentar consertar a “cegada” (rs). Juntaram lá uma pá de gente tentando corrigir livro por livro antes daquilo tudo chegar na mão dos leitores. Em grande parte a tática deu certo, mas... uns exemplares com o erro escaparam. Hehehe, maus, hein?

UM DOIDINHO, UM CACHORRO, UM TOLINHO E MUITA GENTE SÓ NA CACHORRADA

Quincas Borba é rico e está doente. Quando morre, deixa tudo para Rubião, que foi tipo um enfermeiro cuidador dele lá em Barbacena, Minas Gerais. Com a grana, Rubião se manda para o Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil naquela época, final dos anos 1800.

Daí Rubião, que é bem tolinho, sem as manhas de lidar com as cobras criadas da sociedade carioca, vai conhecendo um monte de gente que se aproveita dele e da bufunfa da herança.

O casal Cristiano e Sofia é dos piores. Primeiro o marido usa a mulher como isca para tirar vantagem de Rubião. O moço do interior se apaixona mesmo por ela e até se declara. Ela nem tchum pra ele, mas continua dando corda. De novo para tirar vantagem. E é tanta gente enrolando o cara, comendo, bebendo e fumando charuto às custas dele, pedindo empréstimo, oferecendo sociedades em que ele só se ferra que... a grana acaba! E sem dinheiro, os amigos vão desaparecendo, dando nó em pingo d'água para evitar o cabra.

Junto com a pobreza, Rubião também enfrenta a loucura. Aos poucos, ele vai achando que é Napoleão III, imperador da França. E tudo isso o leva a voltar para Barbacena, onde morre duro e doido na casa de uma comadre.

E com esse enredo, publicado entre 1886 e 1891 em conta-gotas em uma revista, como folhetim, Machado de Assis, craque das palavras e de achar jeitos de manter o leitor atento, discorre sobre algo que ainda hoje impera um bom bocado nas nossas vidas: a ideia de que viver bem é coisa que só existe para os mais fortes.

Por isso mesmo, este é um livro antigo no qual a gente acha muita ligação com os nossos dias de hoje. Tem falsidade de sobra, esperteza que passa longe da ética, discurso moral que na prática é só conversa fiada e até umas poucas pessoas genuinamente boas.

Além disso, ele também é uma espécie de *selfie* de uma época, mostrando para a gente como andava a economia, a política, o proceso longo e cheio de maquinações do fim da escravatura e ainda o que o pessoal andava lendo, curtindo no teatro e na música. E dá até mesmo para espionar um tiquinho da vida daquele Rio passado – eu, por exemplo, adoro ver o tanto de carruagem diferente que existia, com duas ou quatro rodas, com capota, sem capota...

Ah, e tudo isso ainda empacotado com riso, porque o autor é o rei da ironia, viu? Como toda obra desse período, esta aqui também traz um vocabulário antigo, mofado, e por isso mesmo muitas vezes desconhecido. Para isso, me proponho a seguir ao seu lado, **“traduzindo”** os termos mais cabeludos e dando umas pitadas de contexto, umas dicas de vídeo, de Google, pra ver se você lê sem tropicar nesses perrengues e, quem sabe, chega até a se divertir com o talento desse carioca considerado genial por muita gente do mundo todo. Então, deixe logo de lero-lero e não-quero-quero e mete o peito nesta leitura que é legal... Bora lá!

Fátima Mesquita

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

t Comentários curtos e bem-humorados.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

Prólogo da terceira edição	12
I	13
II	14
III	15
IV	18
V	20
VI	23
VII	27
VIII	29
IX	31
X	33
XI	36
XII	38
XIII	39
XIV	41
XV	43
XVI	45
XVII	47
XVIII	49
XIX	51

XX	52
XXI	53
XXII	58
XXIII	59
XXIV	60
XXV	61
XXVI	62
XXVII	63
XXVIII	64
XXIX	67
XXX	69
XXXI	70
XXXII	73
XXXIII	77
XXXIV	78
XXXV	80
XXXVI	83
XXXVII	84
XXXVIII	87
XXXIX	88
XL	91

XLI	93
XLII	95
XLIII	99
XLIV	101
XLV	102
XLVI	105
XLVII	106
XLVIII	109
XLIX	111
L	113
LI	120
LII	122
LIII	124
LIV	126
LV	128
LVI	130
LVII	132
LVIII	135
LIX	137
LX	141
LXI	143

LXII	146
LXIII	147
LXIV	148
LXV	151
LXVI	153
LXVII	154
LXVIII	157
LXIX	161
LXX	166
LXXI	169
LXXII	171
LXXIII	172
LXXIV	173
LXXV	175
LXXVI	177
LXXVII	178
LXXVIII	181
LXXIX	183
LXXX	184
LXXXI	186
LXXXII	188

LXXXIII	192
LXXXIV	195
LXXXV	196
LXXXVI	198
LXXXVII	200
LXXXVIII	202
LXXXIX	203
XC	206
XCI	208
XCII	209
XCIII	212
XCIV	214
XCV	216
XCVI	217
XCVII	219
XCVIII	221
XCIX	223
C	225
CI	229
CII	231
CIII	232

CIV	234
CV	236
CVI	240
CVII	242
CVIII	243
CIX	247
CX	249
CXI	253
CXII	255
CXIII	256
CXIV	257
CXV	258
CXVI	264
CXVII	267
CXVIII	269
CXIX	275
CXX	277
CXXI	281
CXXII	282
CXXIII	285
CXXIV	286

CXXV	287
CXXVI	289
CXXVII	290
CXXVIII	292
CXXIX	295
CXXX	296
CXXXI	299
CXXXII	300
CXXXIII	302
CXXXIV	305
CXXXV	307
CXXXVI	308
CXXXVII	309
CXXXVIII	311
CXXXIX	314
CXL	316
CXLI	317
CXLII	320
CXLIII	321
CXLIV	322
CXLV	324

CXLVI	326
CXLVII	329
CXLVIII	330
CXLIX	332
CL	334
CLI	335
CLII	337
CLIII	341
CLIV	346
CLV	347
CLVI	348
CLVII	350
CLVIII	351
CLIX	353
CLX	356
CLXI	358
CLXII	361
CLXIII	362
CLXIV	363
CLXV	365
CLXVI	368

CLXVII	369
CLXVIII	372
CLXIX	373
CLXX	376
CLXXI	378
CLXXII	381
CLXXIII	382
CLXXIV	384
CLXXV	386
CLXXVI	391
CLXXVII	393
CLXXVIII	395
CLXXIX	396
CLXXX	399
CLXXXI	401
CLXXXII	404
CLXXXIII	406
CLXXXIV	408

CLXXXV	410
CLXXXVI	412
CLXXXVII	413
CLXXXVIII	414
CLXXXIX	418
CXC	419
CXCI	420
CXCII	421
CXCIII	423
CXCIV	424
CXCV	426
CXCVI	428
CXCVII	429
CXCVIII	431
CXCIX	432
CC	434
CCI	435

PRÓLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO

A segunda edição deste livro acabou mais depressa que a primeira. Aqui sai ele em terceira, sem outra alteração além da emenda de alguns erros tipográficos, tais e tão poucos que, ainda conservados, não encobririam o sentido.

Um amigo e confrade ilustre tem teimado comigo para que dê a este livro o seguimento de outro. “Com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, donde este proveio, fará você uma trilogia, e a Sofia de Quincas Borba ocupará exclusivamente a terceira parte.” Algum tempo cuidei que podia ser, mas re-lendo agora estas páginas concluo que não. A Sofia está aqui toda. Continué-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria pecado. Creio que foi assim que me tacharam este e alguns outros dos livros que vim compondo pelo tempo fora no silêncio da minha vida. Vozes houve, generosas e fortes, que então me defenderam; já lhes agradei em particular; agora o faço cordial e publicamente.

1889.

M. de A.

I

Rubião fitava a enseada – eram oito horas da manhã.

Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do **chambre**, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. **Cotejava** o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de **Túnis**, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

– Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade **tem** casado com o Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Chambre: roupão.

Cotejar: comparar.

8 Túnis é capital da Tunísia.

E Hoje diríamos: "se ela tivesse casado".

III

Vexado: envergonhado.

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, **vexado** daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... – Bonita canoa! – Antes assim! – Como obedece bem aos remos do homem! – O certo é que eles estão no céu!

III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara, e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata **lavrada**. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um **Mefistófoles e um Fausto**. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de **argentaria**, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus **crioulos** de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu

Lavrado: trabalhado, com enfeites.

E Mefistófoles (ou Mefisto) é um demônio do folclore alemão, para quem Fausto vendeu a alma em troca de sabedoria e poder.

Argentaria: prataria.

Quincas Borba foi publicado pela primeira vez em folhetim, na revista feminina A estação, entre 1886 e 1891. Na época, rolava o auge da luta pelo fim da escravidão, que na lei acabou em 1888. Ao mesmo tempo (e não por coincidência), tornou-se sinal de ostentação empregar criados estrangeiros e brancos, justamente porque a mão de obra escravizada estava com previsão de acabar.

Os pajens eram negros ou mestiços escravizados que, quando crianças, tinham que brincar com os filhos dos senhores. Depois, na adolescência, passavam a acompanhar seus senhores para cima e para baixo, além de ajudar na limpeza da casa, levar recados, cuidar dos cavalos e das carruagens e um pouco mais.

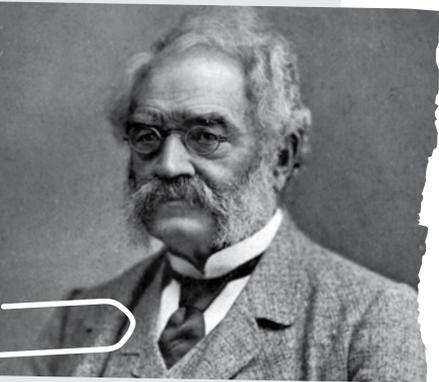
Degradado: rebaixado.

Golo: gole.

E Pouf (em francês) é o nosso pufe.

E Borla é um penduricalho, que neste caso estava no final do cordão do roupão de Rubião.

f Entre 1890 e 1920, era moda usar bigode com suíças, barba que ocupa as laterais do rosto.



g Vassouras é uma cidade do Rio de Janeiro.

bom **pajem**, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi **degradado** a outros serviços.

– Quincas Borba está muito impaciente?, perguntou Rubião bebendo o último **golo** de café, e lançando um último olhar à bandeja.

– Me parece que sí.

– Lá vou soltá-lo.

Não foi; deixou-se ficar, algum tempo, a olhar para os móveis. Vendo as pequenas gravuras inglesas, que pendiam da parede por cima dos dous bronzes, Rubião pensou na bela Sofia, mulher do Palha, deu alguns passos, e foi sentar-se no **pouf**, ao centro da sala, olhando para longe...

– Foi ela que me recomendou aqueles dous quadrinhos, quando andávamos, os três, a ver cousas para comprar. Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh!, os braços! Que bem-feitos!

Rubião suspirou, cruzou as pernas, e bateu com as **borlas** do chambre sobre os joelhos. Sentia que não era inteiramente feliz; mas sentia também que não estava longe a felicidade completa. Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e que o amava muito. Não era velho; ia fazer 41 anos; e, rigorosamente, parecia menos. Esta observação foi acompanhada de um gesto; passou a mão pelo queixo barbeado todos os dias, cousa que não fazia dantes, por economia e desnecessidade. Um simples professor! Usava **suíças** (mais tarde deixou crescer a barba toda) – tão macias, que dava gosto passar os dedos por elas. E recordava assim o primeiro encontro, na estação de **Vassouras**, onde Sofia e o marido entraram no trem da estrada de ferro, no mesmo carro em que ele descia de Minas; foi ali que achou aquele par de olhos viçosos, que pareciam repetir a exortação do profeta: **Todos vós que tendes**

sede, vinde às águas. Não trazia ideias adequadas ao convite, é verdade; vinha com a herança na cabeça, o testamento, o inventário, cousas que é preciso explicar primeiro, a fim de entender o presente e o futuro. Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos, e **cuidando** na bela Sofia. Vem comigo, leitor; vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba.

8 Referência ao trecho da Bíblia (Isaías 55:1-3).

Cuidar: pensar.

IV

Neste outro livro de Machado de Assis, publicado dez anos antes deste aqui, Quincas Borba também aparece como personagem.

Inopinado: de repente, de forma surpreendente.

E A pleurisia (ou pleuris) é uma inflamação da pleura, membrana que cobre o pulmão.

Sandice: loucura.

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as **Memórias póstumas de Brás Cubas**, é aquele mesmo náu-frago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro **inopinado**, e inventor de uma filosofia.

Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida, mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um **pleuris** a levou.

Foi esse trechozinho de romance que ligou os dous homens. Saberia Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de **sandice**, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o por homem esquisito. É, todavia, certo que o grãozinho não se despegou do cérebro de Quincas Borba – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu. Quincas Borba tivera ali alguns parentes,

mortos já agora em 1867; o último foi o tio que o deixou por herdeiro de seus bens. Rubião ficou sendo o único amigo do filósofo. Regia então uma escola de meninos, que fechou para tratar do enfermo. Antes de professor, metera ombros a algumas empresas, que **foram a pique**.

Ir a pique:
arruinar, afundar.

Desvelo: cuidado,
dedicação.

Durou o cargo de enfermeiro mais de cinco meses, perto de seis. Era real o **desvelo** de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço da casa, nem a leitura dos jornais, logo que chegava a **mala** da Corte ou a de Ouro Preto.

Os jornais vinham no que hoje chamaríamos de malote – uma espécie de correio especial. A Corte era a capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, e Ouro Preto era, na época, a capital da província de Minas Gerais.

– Tu és bom, Rubião, suspirava Quincas Borba.

– Grande façanha! Como se você fosse mau!

A opinião ostensiva do médico era que a doença do Quincas Borba iria saindo devagar. Um dia, o nosso Rubião, acompanhando o médico até à porta da rua, perguntou-lhe qual era o verdadeiro estado do amigo. Ouviu que estava perdido, completamente perdido; mas, que o fosse animando. Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza?...

– Lá isso, não, atalhou Rubião; para ele, morrer é negócio fácil. Nunca leu um livro que ele escreveu, há anos, não sei que negócio de filosofia...

– Não; mas filosofia é uma cousa, e morrer de verdade é outra; adeus.



A teoria de Humanitas, ou o Humanitismo, é uma invenção de Machado que aparece tanto em Memórias póstumas de Brás Cubas quanto aqui. Esse é um sistema filosófico que Quincas usa para tentar explicar o sentido da vida. Mas como ele está doidinho, Humanitas também é bem sem pé nem cabeça, misturando ideias que fazem pouco sentido ou até mesmo sentido algum.

E Aqui se refere à antiga pendenga entre cristãos/católicos e muçulmanos que batalharam na Idade Média, com as Cruzadas e tudo o mais.

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba – um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dous motivos, um doutrinário, outro particular.

– Desde que **Humanitas**, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja **cristão ou muçulmano**...

– Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo?, disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.

– Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes,

como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

Rubião fez um gesto negativo.

– Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba ao cachorro, e...

O cão, ouvindo o nome, correu à cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba:

– Meu pobre amigo! meu bom amigo! meu único amigo!

– Único!

– Desculpa-me, tu também o és, bem sei, e agradeço-te muito; mas a um doente perdoa-se tudo. Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho.

Rubião deu-lhe o espelho. O doente contemplou por alguns segundos a cara magra, o olhar febril, com que descobria os subúrbios da morte, para onde caminhava a passo lento, mas seguro. Depois, com um sorriso pálido e irônico:

– Tudo o que está cá fora corresponde ao que sinto cá dentro; vou morrer, meu caro Rubião... Não gesticules, vou morrer. E que é morrer, para ficares assim espantado?

– Sei, sei que você tem umas filosofias... Mas falemos do jantar; que há de ser hoje?

Quincas Borba sentou-se na cama, deixando pender as pernas, cuja extraordinária magreza se adivinhava por fora das calças.

– Que é? que quer?, acudiu Rubião.

– Nada, respondeu o enfermo sorrindo. Umas filosofias! Com que desdém me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas filosofias!

– Mas não é por desdém... Pois eu tenho capacidade para desdenhar de filosofias? Digo só que você pode crer que a morte não vale nada, porque terá razões, princípios...

Quincas Borba procurou com os pés as chinelas; Rubião chegou-lhas; ele calçou-as e pôs-se a andar para esticar as pernas. Afagou o cão e acendeu um cigarro. Rubião quis

Capote: tipo de capa longa e com capuz.

que se agasalhasse, e trouxe-lhe um fraque, um colete, um chambre, um **capote**, à escolha. Quincas Borba recusou-os com um gesto. Tinha outro ar agora: os olhos metidos para dentro viam pensar o cérebro. Depois de muitos passos, parou, por alguns segundos, diante de Rubião.



VI

– Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como morreu minha avó.

– Como foi?

– Senta-te.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

– Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o **adro**, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas **traquitanas**. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das **bestas de uma sege**; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma **botica** da rua Direita, veio um

E Adro é o espaço aberto à frente e às vezes ao lado da igreja.

E Traquitana é um modelo de carruagem alemã.

E Besta é a mula, que puxa a traquitana, que surgiu no século XVII com o nome de chaise ("cadeira", em francês), que virou "sege", em português.

Botica: farmácia.

Da Antiguidade até os anos 1800, os médicos receitavam sangrias para curar praticamente tudo. Para realizá-las, usava-se uma lanceta (faquinha com corte dos dois lados), fazia-se a flebotomia (corte numa veia, com agulhas e bolsas recolhendo o sangue) ou aplicava-se sanguessugas. O sangrador era aquele que sabia utilizar essa técnica.

sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

– Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

– Não.

– Não?

– Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no

adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e **derribou-o**; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, **Byron** ou **Gonçalves Dias**, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos **necrológios**; mas o fundo **subsistia**. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um **varão** ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo), Humanitas precisa comer.

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse à casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

– E que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra cousa.

– Diga sempre.

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

Derribar: derrubar.

g George Byron, ou Lord Byron (1788-24), foi um poeta inglês do século XIX.

g Gonçalves Dias (1823-64), poeta e dramaturgo, é o maranhense autor dos famosos versos "Minha terra tem palmeiras/ onde canta o Sabiá".

t Necrológio é um texto ou discurso que faz elogios a uma pessoa quando ela morre.

Subsistir: sobreviver.

Varão: homem.

– Queres ser meu discípulo?

– Quero.

– Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah!, nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o **remate** das cousas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vêes como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...

– Mas que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância **recôndita** e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível – ou, para usar a linguagem do grande **Camões**:

Uma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visível e invisível.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

– Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o carácter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vi-

Remate: ponto máximo, auge.

Recôndito: oculto, profundo.

8 Luís Vaz de Camões (1524-80) foi um poeta português dos anos 1500 que escreveu *Os Lusíadas*, importante poema sobre as aventuras marítimas e as guerras de Portugal.

Contristar:
causar tristeza.

8 *Dom Quixote de la Mancha, do espanhol Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), foi publicado em 1605 e tira onda de uma modinha de escrever sobre os cavaleiros da Idade Média.*

tória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

– Mas a opinião do exterminado?

– Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

– Bem; a opinião da bolha...

– Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais **contristador** que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É **Dom Quixote**. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra, que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.

VII

Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante.

Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo, após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos, é o que era. E, afastando com o gesto a pessoa de Rubião, a fim de poder encará-la sem esforço, empreendeu uma brilhante descrição do mundo e suas excelências. Misturou ideias próprias e alheias, imagens de toda sorte, idílicas, épicas, a tal ponto que Rubião perguntava a si mesmo como é que um homem, que ia morrer dali a dias, podia tratar tão galantemente aqueles negócios.

– Ande repousar um pouco.

Quincas Borba refletiu.

– Não, vou dar um passeio.

– Agora não; você está muito cansado.

– Qual! Passou.

Ergueu-se e pôs paternalmente as mãos sobre os ombros de Rubião.

Arroubo: êxtase,
entusiasmo.

- Você é meu amigo?
 - Que pergunta!
 - Diga.
 - Tanto ou mais do que este animal, respondeu Rubião, em um **arroubo** de ternura.
- Quincas Borba apertou-lhe as mãos.
- Bem.

No dia seguinte, Quincas Borba acordou com a resolução de ir ao Rio de Janeiro, voltaria no fim de um mês, tinha certos negócios... Rubião ficou espantado. E a moléstia, e o médico? O doente respondeu que o médico era um charlatão, e que a moléstia precisava espairecer, tal qual a saúde. Moléstia e saúde eram dous caroços do mesmo fruto, dous estados de Humanitas.

– Vou a alguns negócios pessoais, concluiu o enfermo, e levo, além disso, um plano tão sublime, que nem mesmo você poderá entendê-lo. Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com qualquer outra pessoa.

Rubião fiou do tempo que este projeto lhe passasse, como tantos outros; mas enganou-se. Acrescia que, em verdade, o doente parecia estar melhorando; não ia à cama, saía à rua, escrevia. No fim de uma semana, mandou chamar o tabelião.

– Tabelião? repetiu o amigo.

E Traduzindo:
Rubião achou que a ideia de Quincas viajar ao Rio de Janeiro ia passar.

Tornar: voltar.

– Sim, quero registrar o meu testamento. Ou vamos lá os dous...

Foram os três, porque o cão não deixava partir o amo e senhor sem acompanhá-lo. Quincas Borba registrou o testamento, com as formalidades do estilo, e tornou tranquilo para casa. Rubião sentia bater-lhe o coração violentamente.

– Está claro que eu não o deixo ir só para a Corte, disse ele ao amigo.

– Não, não é preciso. Demais, Quincas Borba não vai, e não o confio a outra pessoa, senão a você. Deixo a casa como está. Daqui a um mês estou de volta. Vou amanhã; não quero que ele pressinta a minha saída. Cuide dele, Rubião.

– Cuido, sim.

– Jura?

– Por esta luz que me alumia. Então sou alguma criança?

– Dê-lhe leite às horas apropriadas, as comidas todas do costume, e os banhos; e quando sair a passeio com ele, olhe que não vá fugir. Não, o melhor é que não saia... não saia...

– Vá sossegado.

Quincas Borba chorava pelo outro Quincas Borba. Não quis vê-lo à saída. Chorava deveras; lágrimas de loucura ou de afeição, quaisquer que fossem, ele as ia deixando pela boa terra mineira, como o derradeiro suor de uma alma obscura, prestes a cair no abismo.

Alumiar: iluminar.

Horas depois, teve Rubião um pensamento horrível. Podiam crer que ele próprio incitara o amigo à viagem, para o fim de o matar mais depressa, e entrar na posse do legado, se é que realmente estava incluso no testamento. Sentiu remorsos. Por que não empregou todas as forças, para contê-lo? Viu o cadáver de Quincas Borba, pálido, **hediondo**, fitando nele um olhar vingativo; resolveu, se acaso o fatal desfecho se desse em viagem, abrir mão do legado.

Pela sua parte o cão vivia farejando, ganindo, querendo fugir; não podia dormir quieto, levantava-se muitas vezes, à noite, percorria a casa, e tornava ao seu canto. De manhã, Rubião chamava-o à cama, e o cão acudia alegre; imaginava que era o próprio dono; via depois que não era, mas aceitava as carícias, e fazia-lhe outras, como se Rubião tivesse de levar as suas ao amigo, ou trazê-lo para ali. Demais, havia-se-lhe afeiçoado também, e para ele era a ponte que o ligava à existência anterior. Não comeu durante os primeiros dias. Suportando menos a sede, Rubião pôde **alcançar** que bebesse leite;

Hediondo: horrível,
repulsivo.

Alcançar: conseguir.



Mofar: rir,
fazer piada.

Risota: risos.

Alcunha: apelido.

Fastio: aborrecimento,
aversão.

Arrenegar: reclamar.

foi a única alimentação por algum tempo. Mais tarde, passava as horas calado, triste, enrolado em si mesmo, ou então com o corpo estendido e a cabeça entre as mãos.

Quando o médico voltou, ficou espantado da temeridade do doente; deviam tê-lo impedido de sair; a morte era certa.

– Certa?

– Mais tarde ou mais cedo. Levou o tal cachorro?

– Não, senhor, está comigo; pediu que cuidasse dele, e chorou, olhe que chorou que foi um nunca acabar. Verdade é, disse ainda Rubião para defender o enfermo, verdade é que o cachorro merece a estima do dono: parece gente.

O médico tirou o largo chapéu de palha para concertar a fita; depois sorriu. Gente? Com que então parecia gente? Rubião insistia, depois explicava; não era gente como a outra gente, mas tinha cousas de sentimento, e até de juízo. Olhe, ia contar-lhe uma...

– Não, homem, não; logo, logo, vou a um doente de erisipela... Se vierem cartas dele, e não forem reservadas, desejo vê-las, ouviu? E lembranças ao cachorro, concluiu saindo.

Algumas pessoas começaram a **mofar** do Rubião e da singular incumbência de guardar um cão em vez de ser o cão que o guardasse a ele. Vinha a **risota**, choviam as **alcunhas**. Em que havia de dar o professor! Sentinela de cachorro! Rubião tinha medo da opinião pública. Com efeito, parecia-lhe ridículo; fugia aos olhos estranhos, olhava com **fastio** para o animal, dava-se ao diabo, **arrenegava** da vida. Não tivesse a esperança de um legado, pequeno que fosse. Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança.



Sete semanas depois, chegou a Barbacena esta carta, datada do Rio de Janeiro, toda do punho do Quincas Borba:

“Meu caro senhor e amigo,

“Você há de ter estranhado o meu silêncio. Não lhe tenho escrito por certos motivos particulares etc. Voltarei breve; mas quero comunicar-lhe desde já um negócio reservado, reservadíssimo.

“Quem sou eu, Rubião? Sou **santo Agostinho**. Sei que há de sorrir, porque você é um **ignaro**, Rubião; a nossa intimidade permitia-me dizer palavra mais crua, mas faço-lhe esta concessão, que é a última. Ignaro!

“Ouça, ignaro. Sou santo Agostinho; descobri isto anteontem: ouça e cale-se. Tudo coincide nas nossas vidas. O santo e eu passamos uma parte do tempo nos deleites e

Aurelius Augustinus (354-430) nasceu no que hoje é a Argélia, na África. Ele escreveu um punhado de livros considerados fundamentais para o cristianismo. Um deles se chama Confissões e é a primeira autobiografia de que se tem notícia no mundo. Augustinus se converteu ao cristianismo e virou bispo da cidade de Hipona. É considerado um santo entre os católicos: santo Agostinho.

Ignaro: ignorante.

Cartago foi uma cidade poderosa fundada pelos fenícios no que é hoje a Tunísia. Dali, eles esticaram seu império para algumas áreas das atuais Itália e Espanha, por exemplo. Cartago foi uma potência que disputou poder com os romanos por anos a fio até perder de vez.

8 *Confissões*, de santo Agostinho, é dividido em 13 blocos chamados “livros”, que por sua vez são divididos em capítulos.

E Do latim, *omnia bonna* significa “todas as coisas boas”. É o título de um dos capítulos de *Confissões*.

Fortuna: destino.

Suster: sustentar.

Advertir: notar, observar.

E Doudo é o mesmo que “doido”.

Troçar: zombar.

na heresia, porque eu considero heresia tudo o que não é a minha doutrina de Humanitas; ambos furtamos, ele, em pequeno, umas peras de **Cartago**, eu, já rapaz, um relógio do meu amigo Brás Cubas. Nossas mães eram religiosas e castas. Enfim, ele pensava, como eu, que tudo que existe é bom, e assim o demonstra no capítulo XVI, livro VII das **Confissões**, com a diferença que, para ele, o mal é

um desvio da vontade, ilusão própria de um século atrasado, concessão ao erro, pois que o mal nem mesmo existe, e só a primeira afirmação é verdadeira; todas as cousas são boas, **omnia bonna**, e adeus.

“Adeus, ignaro. Não contes a ninguém o que te acabo de confiar, se não queres perder as orelhas. Cala-te, guarda, e agradece a boa **fortuna** de ter por amigo um grande homem, como eu, embora não me compreendas. Hás de compreender-me. Logo que tornar a Barbacena, dar-te-ei em termos explicados, simples, adequados ao entendimento de um asno, a verdadeira noção do grande homem. Adeus; lembranças ao meu pobre Quincas Borba. Não esqueças de lhe dar leite; leite e banhos; adeus, adeus... Teu do coração

QUINCAS BORBA.”

Rubião mal **sustinha** o papel nos dedos. Passados alguns segundos, **advertiu** que podia ser um gracejo do amigo, e releu a carta; mas a segunda leitura confirmou a primeira impressão. Não havia dúvida; estava **doudo**. Pobre Quincas Borba! Assim, as esquisitices, a frequente alteração de humor, os ímpetos sem motivo, as ternuras sem proporção, não eram mais que prenúncios da ruína total do cérebro. Morria antes de morrer. Tão bom! Tão alegre! Tinha impertinências, é verdade, mas a doença explicava-as. Rubião enxugou os olhos, úmidos de comoção. Depois veio a lembrança do possível legado, e ainda mais o afligiu, por lhe mostrar que bom amigo ia perder.

Quis ainda uma vez ler a carta, agora devagar, analisando as palavras, desconjuntando-as, para ver bem o sentido e descobrir se realmente era uma **troça** de filósofo. Aquele modo de o descompor brincando, era conhecido; mas o resto

confirmava a suspeita do desastre. Já quase no fim, parou **enfiado**. Dar-se-ia que, provada a **alienação mental** do **testador**, nulo ficaria o testamento, e perdidas as **deixas**? Rubião teve uma vertigem. Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo: o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?

– É esta, mas...

– Tem alguma comunicação reservada?...

– Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?

Dizendo isto, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou. Escapara ao perigo de publicar tão grave documento, por onde se podia provar o estado mental de Quincas Borba. Minutos depois, arrependeu-se, devia ter entregado a carta, sentiu remorsos, pensou em mandá-la à casa do médico. Chamou por um escravo; quando este acudiu, já ele mudara outra vez de ideia; considerou que era imprudência; o doente viria em breve – dali a dias –, perguntaria pela carta, **argui-lo-ia** de indiscreto, de delator... Remorsos fáceis, de pouca **dura**.

– Não quero nada, disse ao escravo. E outra vez pensou no legado. Calculou o algarismo. Menos de dez **contos**, não. Compraria um pedaço de terra, uma casa, cultivaria isto ou aquilo, ou lavraria ouro. O pior é se era menos, cinco contos... Cinco? Era pouco; mas, enfim, talvez não passasse disso. Cinco que fossem, era um arranjo menor, e antes menor que nada. Cinco contos... Pior seria se o testamento ficasse nulo. Vá, cinco contos!

Enfiado: pensativo.

Alienação mental: doença psiquiátrica.

Testador: quem deixa testamento.

E "Deixas" é o que é deixado para outra pessoa.

Arguir: acusar.

Dura: duração.

Na época deste livro, a moeda do Brasil era também o real, mas um bem diferente. Seu plural era "réis" e, quando se juntava 1 milhão de réis, tinha-se um conto de réis.

XI

Cândido (também chamado Cândido, ou o otimismo) é um livro escrito pelo filósofo francês Voltaire nos anos 1700. Nele, Cândido tem como mentor um tal de Pangloss que, influenciado pelas ideias do alemão Gottfried Leibniz (que existiu mesmo), achava que "tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis". Ou seja, Pangloss era o otimismo em pessoa. Só que depois de passar por várias catástrofes na vida, inclusive um terremoto assustador em Lisboa, em 1775 (também real), a dúvida de Cândido só ia crescendo: "Dá mesmo pra ser otimista?"

No começo da semana seguinte, recebendo os jornais da Corte (ainda assinaturas do Quincas Borba) leu Rubião esta notícia em um deles:

"Faleceu ontem o Senhor Joaquim Borba dos Santos, tendo suportado a moléstia com singular filosofia. Era homem de muito saber, e cansava-se em batalhar contra esse pessimismo amarelo e enfezado que ainda nos há de chegar aqui um dia; é a moléstia do século. A última palavra dele foi que a dor era uma ilusão, e que **Pangloss** não era tão tolo como o inculcou Voltaire... Já então delirava. Deixa muitos bens. O testamento está em Barbacena."



XIII

Debicar: caçoar,
zombar.

Logro: engano.

– Acabou de sofrer!, suspirou Rubião.

Em seguida, atentando na notícia, viu que falava de um homem que tinha apreço, consideração, a quem se atribuía uma peleja filosófica. Nenhuma alusão à demência. Ao contrário, o final dizia que ele delirara a última hora, efeito da moléstia. Ainda bem! Rubião leu novamente a carta, e a hipótese da troça pareceu outra vez mais verossímil. Concordou que ele tinha graça; com certeza, quis **debicá-lo**; foi a santo Agostinho, como iria a santo Ambrósio ou a santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, até voltar e rir-se do **logro**. Pobre amigo! Estava são – são e morto. Sim, já não padecia nada. Vendo o cachorro, suspirou:

– Coitado do Quincas Borba! Se pudesse saber que o senhor morreu...

Depois, consigo:

– Agora, que já acabou a obrigação, vou dá-lo à comadre Angélica.

A notícia correrá a cidade, o vigário, o farmacêutico da casa, o médico, todos mandaram saber se era verdadeira. O agente do correio, que a lera nas **folhas**, trouxe em mão própria ao Rubião uma carta que viera na mala para ele; podia ser do finado, **conquanto** a letra do **sobrescrito** fosse outra.

– Então afinal o homem espichou a canela?, disse ele, enquanto Rubião abria a carta, sorria à assinatura e lia: *Brás Cubas*. Era um simples bilhete:

“O meu pobre amigo Quincas Borba faleceu ontem em minha casa, onde apareceu há tempos esfrangalhado e sórdido: frutos da doença. Antes de morrer pediu-me que lhe escrevesse, que lhe desse particularmente esta notícia, e muitos agradecimentos; que o resto se faria, segundo as **praxes** do foro.”

Folha: jornal.

Conquanto: apesar de, embora.

Sobrescrito: nome e endereço escritos num envelope.

Praxe: costume.

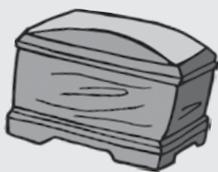
Restituir: devolver,
recuperar.

Os agradecimentos fizeram empalidecer o professor; mas as praxes do foro **restituíram-lhe** o sangue. Rubião fechou a carta sem dizer nada; o agente falou de uma coisa e outra, depois saiu. Rubião ordenou a um escravo que levasse o cachorro de presente à comadre Angélica, dizendo-lhe que, como gostava de bichos, lá ia mais um; que o tratasse bem, porque ele estava acostumado a isso; finalmente que o nome do cachorro era o mesmo que o do dono, agora morto, Quincas Borba.

XIV

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro **amoedado**, livros – tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana. Item, impunha-lhe a condição, quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria

 Dinheiro em moedas.



de flores e plantas cheirosas; e mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa para depositá-los no lugar mais honrado da casa.

Tal era a cláusula. Rubião achou-a natural, posto que só tivesse pensamento para cuidar na herança. **Espreitara** uma deixa, e sai-lhe do testamento a massa toda dos bens. Não podia acabar de crer; foi preciso que lhe apertassem muito as mãos, com força – a força dos parabéns –, para não supor que era mentira.

– Sim, senhor, **lavre um tento**, dizia-lhe o dono da farmácia que ministrara os remédios ao Quincas Borba.

Herdeiro já era muito; mas universal... Esta palavra inchava as bochechas à herança. Herdeiro de tudo, nem uma colherinha menos. E quanto seria tudo?, ia ele pensando. Casas, apólices, ações, escravos, roupa, louça, alguns quadros, que ele teria na Corte, porque era homem de muito gosto, tratava de cousas de arte com grande saber. E livros? Devia ter muitos livros, citava muitos deles. Mas em quanto andaria tudo? Cem contos? Talvez duzentos. Era possível; trezentos mesmo não havia que admirar. Trezentos contos! Trezentos! E o Rubião tinha ímpetos de dançar na rua. Depois

Espreitar: esperar, ficar atento.

E “Lavrare um tento” é se dar bem, obter êxito.

Torvelinho:
redemoinho.

Caipora: azarado.

aquietava-se; duzentos que fossem, ou cem, era um sonho que Deus Nosso Senhor lhe dava, mas um sonho cumprido, para não acabar mais.

A lembrança do cachorro pôde tomar pé no **torvelinho** de pensamentos que iam pela cabeça do nosso homem. Rubião achava que a cláusula era natural, mas desnecessária, porque ele e o cão eram dous amigos, e nada mais certo que ficarem juntos, para recordar o terceiro amigo, o extinto, o autor da felicidade de ambos. Havia, sem dúvida, umas particularidades na cláusula, uma história de urna, e não sabia que mais; mas tudo se havia de cumprir, ainda que o céu viesse abaixo... Não, com a ajuda de Deus, emendava ele. Bom cachorro! Excelente cachorro!

Rubião não esquecia que muitas vezes tentara enriquecer com empresas que morreram em flor. Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um **caipora**, quando a verdade era que “mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga”. Tanto não era impossível enriquecer, que estava rico.

– Impossível, o quê?, exclamou em voz alta. Impossível é a Deus pecar. Deus não falta a quem promete.

la assim, descendo e subindo as ruas da cidade, sem guiar para casa, sem plano, com o sangue aos pulos. De repente, surgiu-lhe este grave problema: – se iria viver no Rio de Janeiro, ou se ficaria em Barbacena. Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco-caso dele, e principalmente aos que se riam da amizade do Quincas Borba. Mas logo depois, vinha a imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com os seus feitiços, movimentos, teatros em toda a parte, moças bonitas, “vestidas à francesa”. Resolveu que era melhor, podia subir muitas e muitas vezes à cidade natal.